

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DO ENRIQUECIMENTO ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM ALTO POTENCIAL

Ariovaldo Simões Silva¹, Ivani Dolores dos Santos² e Meire Luiza de Castro³, Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação do Estado de Goiás, e-mail: naahs.go@educ.go.gov.br

Resumo: O presente relato de experiência foi baseado na descrição da avaliação, atendimento e acompanhamento do estudante J. L., nascido no dia 22/07/2012, atendido pela Equipe do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades – NAAH/S-GO por indicação da escola. A abordagem principal consta da análise da dinâmica de atendimento, do processo de avaliação da Necessidade Educacional Especializada – NEE em Altas Habilidades/Superdotação – AH/S, bem como, das sugestões de Atendimento Educacional Especializado – AEE e do acompanhamento dos atendimentos sugeridos. A metodologia científica foi embasada nas bases legais e na fundamentação teórico-metodológica preconizada pela literatura especializada em AH/S apropriada para o atendimento dos estudantes com indícios AH/S, determinada pelo Ministério de Educação e Cultura – MEC, responsável pela implantação dos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S em todo o Brasil, sob jurisdição das Secretarias Estaduais de Educação.

Palavras chave: Avaliação. Atendimento. Superdotação.

Eixo temático: Práticas pedagógicas e psicopedagógicas na perspectiva da diferença humana.

INTRODUÇÃO

Em Goiás, o Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S desenvolve várias ações relacionadas à formação de profissionais da educação em Altas Habilidades/Superdotação – AH/S, ao atendimento à família e comunidade geral e a articulação para a identificação, potencialização e acompanhamento dos alunos com indícios

¹ Mestrando em Ensino na Educação Básica – Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação – Universidade Federal de Goiás. Especialista em Atendimento Especializado em AH/S – Faculdades Delta; Aperfeiçoamento Profissional em Educação Especial - Abordagens e Tendências na Área de AH/S – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará; Métodos e Técnicas de Ensino – Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Graduado em Bacharelado e Licenciatura em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

² Especialista em Saúde Pública - Instituto de Atualização Profissional e Assessoramento – IAPA; e Informática na Educação pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Graduação: Licenciatura em Língua Portuguesa - Universidade Federal de Goiás – UFG; e Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC.

³ Mestranda em Ensino na Educação Básica – Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação – Universidade Federal de Goiás; Especialista em Psicopedagogia - Faculdade Suldamerica; Métodos e Técnicas de Ensino – Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO); Atendimento Especializado em AH/S – Faculdades Delta; Aperfeiçoamento Profissional em Educação Especial - Abordagens e Tendências na Área de AH/S – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. Graduada em Educação Física - Universidade Estadual de Goiás.

de AH/S. Entre às ações desenvolvidas pelo Núcleo, uma se destaca, é a de contribuir para o desenvolvimento do trabalho pedagógico nas escolas, o qual consiste em avaliar os alunos indicados por pais, professores e comunidade em geral que possuem indícios de Altas Habilidades/Superdotação, colaborando, assim, para a elaboração e execução do do Plano de Atendimento Individualizado – PDI e, por meio deste, orientar a todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem a fim de garantir um ambiente satisfatório para o desenvolvimento das potencialidades apresentadas pelo estudante em sua integração no ambiente escolar, o que certamente contribuirá para seu bem-estar enquanto cidadão.

Para a realização desta ação o NAAH/S executa as seguintes estratégias: análise e estudo de dados reais em consonância com a literatura especializada em AH/S e análise da legislação, a qual assegura atendimento ao estudante com AH/S no sentido de se comprovar a relação teoria X prática no processo de avaliação, encaminhamento e atendimento educacional especializado em AH/S.

Conforme o que preconiza o Ministério da Educação, através da Secretaria da Educação Especial, no que concerne “avaliação para identificação das Necessidades Educacionais Especiais”, ressalta-se que os rumos da avaliação devem estar a serviço da implementação dos apoios necessários ao progresso e ao sucesso do aluno.

Desta forma, no processo de avaliação a equipe de trabalho do NAAH/S – GO segue o Fluxograma de Atendimento elaborado pelos próprios servidores do Núcleo mediante o trabalho realizado desde sua fundação. O documento em questão legitima o desenvolvimento das ações com respaldo nas Diretrizes Legais destinadas ao Público Alvo do Ensino Especial. Adjunto a este há, também, o embasamento teórico-metodológico da literatura especializada, conforme as diretrizes do Ministério da Educação e Cultura – MEC em consonância com as diretrizes da Secretaria de Estado de Educação do Estado de Goiás – SEDUC.

A seguir relataremos a experiência de atendimento realizado ao aluno, que chamaremos aqui de J.L., nascido no dia 22/07/2012. O referido atendimento teve como base a descrição da avaliação, do atendimento e do acompanhamento do aluno em questão, o qual foi atendido pela Equipe do NAAH/S – GO.

Sobre J.L.

J. L. foi encaminhado ao NAAH/S por solicitação da escola a fim de investigarmos sobre suas potencialidades. Segundo informado, apesar de demonstrar grande facilidade de aprendizagem no ambiente escolar, apresentava interesse em assuntos impróprios para sua idade/série, considerado em sub-rendimento (discrepância entre potencial e rendi-

mento), apresentava comportamentos sociais inadequados, resistência em seguir normas e regras e desmotivação nas atividades acadêmicas.

De acordo com relato da mãe, J.L. apresentou desenvolvimento precoce. Andou e falou cedo, demonstrava grandes interesses por máquinas e ferramentas, sempre foi muito curioso, dava explicações complexas de assuntos não condizentes com o interesse compatível a sua idade, além de apresentar vocabulário rico para a sua idade. Aos dois anos, já reconhecia as cores, o alfabeto e os números, sem ser ensinado previamente pelos Pais, embora estes acreditavam que, por ter irmãos mais velhos, era influenciado por eles.

Em abril de 2015, com três anos de idade, J.L. foi para escola e sua adaptação a ela havia sido tranquila. Interagia normalmente com os colegas e gostava de brincar e participar das atividades, porém se irritava facilmente com eles. De acordo com a professora deste ano J.L. se desenvolveu muito bem quando comparado aos demais alunos da classe em que estudava.

No ano de 2016, sua Mãe foi chamada à escola pela psicóloga, a qual informou que o aluno em questão estava agressivo; não interagia mais com os colegas e não fazia as atividades propostas.

Em 2017, apresentou grande afinidade pela professora, o que contribuiu para que ele demonstrasse interesse pelas atividades (interesse este que havia perdido no ano anterior). Porém, no decorrer do ano, aconteceram vários episódios que o levou ao desinteresse novamente pelas atividades escolares. Segundo a mãe, ficava irritado com facilidade além de não participar das atividades escolares.

No ano de 2018, notou-se que J.L. apresentava grande facilidade de memorização de termos difíceis para serem memorizados devido a sua pouca idade. Apresentava vocabulário muito rico, fazia as tarefas de casa tranquilamente, embora a mãe sempre era chamada pra conversar sobre o comportamento e o desinteresse do filho na escola. Neste mesmo ano demonstrou muito interesse pelas atividades desenvolvidas pelos irmãos mais velhos, os quais já estavam no ensino fundamental II.

Em 2019, com seis anos de idade, cursando o primeiro ano, demonstrou isolamento. Ficava junto aos monitores no recreio, não gostava de brincar, recusava ir pra escola, chorava muito, adoecia com frequência, queixava as mais diversas dores e quando era obrigado a ir para a escola, acabava brigando ou agredindo algum colega. Desta forma, sua mãe, pensou em procurar outra escola, mas resolveu conversar antes com a coordenação a fim de obter orientações quanto ao seu comportamento.

A escola se dispôs a ajudá-lo e, por meio de projetos na área de seu interesse, o

estimulou e o apoiou na realização de sua pesquisa e na apresentação desta para a turma. Para a realização da pesquisa foi necessário pesquisas no computador e em livros de ciências, e J.L. contou com a ajuda da família, que o auxiliou no desenvolvimento de todo o projeto, enquanto ele estudava para apresentá-lo aos colegas da turma. Sempre apresentou envolvimento muito além do que se pedia na realização do projeto em questão.

J.L. gosta de aprofundar nos assuntos de seu interesse, faz pesquisa sozinho, assiste vídeos, aprende com facilidade o significado de palavras complexas para a sua idade, dá explicações técnicas para as coisas simples do dia a dia e sempre mostra suas descobertas com muita desenvoltura. No mês de abril, em reunião com a coordenadora, sua mãe foi informada sobre as potencialidades e dificuldades de J.L. e, em seguida, a escola sugeriu que fosse realizado com J.L. uma avaliação quanto aos seus indícios de AH/S no NAAH/S.

Dados coletados a partir da avaliação no NAAH/S

Durante o período de avaliação J. L. se mostrou muito falante, curioso e com instabilidade emocional em alguns momentos; necessitando, portanto, de muita intervenção na realização de atividades próprias para sua idade/série. Suas dificuldades apresentadas se referiram a registro de informações visto que ainda não dominava a letra cursiva. Seus interesses eram incomuns, pela sua pouca idade, em especial na área de ciências, a qual apresentou domínio de conteúdos muito além dos oferecidos no currículo escolar. Foi perceptível, para a equipe que o atendeu, seu interesse em aprofundar e explicar como tudo funciona cientificamente. Entre os conteúdos de sua área de interesse, destacaram-se: vulcões, funcionamento das células, elementos e reações químicas.

Sobre o processo de avaliação

Importante ressaltar que a avaliação é um processo contínuo de caráter permanente e permite que se façam várias análises que irão possibilitar identificação das potencialidades.

Assim, a avaliação no processo educacional tem o objetivo de providências para a serem alcançadas no que tange a remoção das dificuldades enfrentadas na aprendizagem bem como da participação dos alunos. Isso se dá de forma a interferir no seu desenvolvimento integral.

A dinâmica do NAAH/S - GO, quanto ao processo de avaliação da necessidade educacional especializada em AH/S, ocorreu na perspectiva de um processo pautado em especialistas da área, utilizando de fichas de observações, anamnese, realização de atividades e a

utilização de instrumentos de testes psicopedagógicos e/ou de outras especialidades, quando necessário.

As seguintes etapas foram adotadas durante a realização dos atendimentos: acolhimento dos pais, entrevistas, sondagem com a escola, avaliação psicopedagógica, estudo de caso, devolutiva das conclusões aos pais e orientações à escola de origem do estudante.

Desejamos colaborar ressaltando a importância da avaliação e do atendimento educacional especializado aos estudantes superdotados e dos ganhos verdadeiros que a Legislação Vigente em Educação Especial tem contribuído para o desenvolvimento integral de todo seu público alvo, em especial, aqui, das Altas Habilidades/Superdotação.

Desta forma este relato tem a intenção de descrever a trajetória escolar de um estudante superdotado que apresenta potencialidades e dificuldades, para tanto, contamos com a efetiva participação da família na pessoa da mãe, que nos relatou como foi essa trajetória.

Aqui pretendemos demonstrar uma abordagem prática destacando que o envolvimento da família faz grande diferença na avaliação do aluno bem como no desenvolvimento de seu potencial.

Sobre a avaliação para identificação das necessidades educacionais especiais, o artigo 6º da Resolução CNE/CEB 001, dispõe de que:

Art. 6º:

Para a identificação das necessidades educacionais especiais dos alunos e a tomada de decisões quanto ao atendimento necessário, a escola deve realizar com assessoramento técnico, avaliação do aluno no processo de ensino e de aprendizagem, contando, para tal com:

- I – a experiência de seu corpo docente, diretores, coordenadores, orientadores e supervisores educacionais;
- II – o setor responsável pela educação especial do respectivo sistema;
- III – a colaboração da família e a cooperação dos serviços de saúde, Assistência Social, Trabalho, Justiça e Esporte, bem como do Ministério Público, quando necessário (CNE/CEB 001, Art. 6º).

Com relação a J.L. foram analisados, durante os atendimentos realizados, relatos de fatos que confirmaram a expressão de “indícios de habilidades superiores” em relação aos seus pares (idade, produção, série escolar) nos diversos campos do conhecimento e o seu modo de agir.

Os fundamentos teórico-metodológicos utilizados pelos profissionais do NAAH/S - GO perpassaram a dimensão de uma ótica de educação holística, considerando todos os fatores influentes no desenvolvimento do estudante, sobretudo os seus avanços e desempenho nas diferentes fases da vida.

Durante os atendimentos foram coletados dados sobre o ambiente sócio afetivos e cultural de convivência de J.L. na família, na escola e na comunidade; a influência exercida pela família e escola no desenvolvimento do seu comportamento; bem como as suas produções pedagógicas, seu nível de raciocínio e suas facilidades de aprendizagem.

Ressaltamos que as crianças que apresentam a superdotação escolar tendem a apresentar as seguintes características conforme Renzulli e Reis (1997a) destacam: O superdotado do tipo “escolar” tem necessidade de saber sempre mais e busca ativamente por novas aprendizagens. No entanto, pode estabelecer metas irrealisticamente altas para si mesmo (às vezes reforçadas pelos pais) e sofrer por medo de não atingir tais metas. Demonstra perseverança nas atividades motivadoras a ele. Apresenta grande necessidade de estimulação mental.

Dentre as características emocionais com mais destaques entre superdotados e apresentados por J.L., a literatura aponta: perceptividade, necessidade de entender, necessidade de estimulação mental, necessidade de previsão e exatidão, sensibilidade/empatia, intensidade, não conformidade, questionamento da autoridade, tais características foram observadas pela equipe, por meio de sua própria trajetória de vida, bem como, muito presentes nos relatos da sua mãe e de seus professores.

As orientações foram feitas, considerando as decisões a serem tomadas quanto ao Atendimento Educacional Especializado – AEE, as quais possibilitaram o atendimento das reais necessidades educacionais do estudante na sala regular através da flexibilização, adaptação e enriquecimento curricular.

Entendemos que o processo avaliativo serve para que decisões sobre ações, a fim de atender as necessidades identificadas, abram caminhos para aprendizagem e participação de todos os envolvidos.

As sugestões de AEE foram elaboradas a partir dos interesses do aluno, e planejadas em conjunto com NAAH/S, família e escola.

Ressaltamos que o trabalho de orientações à escola foi realizado via telefone e e-mail, apoiando na elaboração do plano de AEE do estudante conforme preconizam as diretrizes do MEC e a legislação vigente em AH/S.

Conforme o que preconiza o Decreto 7.611 em seu Artigo 3º, São objetivos do atendimento educacional especializado:

Art. 3º

I - prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular e garantir serviços de apoio especializados de acordo com as necessidades individuais dos estudantes;

II - garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular;

- III - fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem; e
- IV - assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis, etapas e modalidades de ensino.

Aos alunos superdotados foi garantido o atendimento especializado no âmbito da educação escolar, o qual deve ser realizado na escola comum. E, a fim de garantir que este aconteça, o Artigo 59 da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, estabelece que os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais “currículos, métodos, recursos educativos e organizações específicos, para atender às suas necessidades”. A este endossamos o que está promulgado na Resolução nº02/2001 (Brasil, 1996) em seu Art. 8º, IX a qual estabelece que:

Art. 8º:

As escolas da rede regular de ensino devem prever e prover na organização de suas classes comuns: atividades que favoreçam, ao aluno que apresente altas habilidades/superdotação, o aprofundamento e enriquecimento de aspectos curriculares, mediante desafios suplementares nas classes comuns, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, inclusive para conclusão, em menor tempo, da série ou etapa escolar.

Vale ressaltar que a família que se envolve com o desenvolvimento de seu filho com indícios de AH/S tem necessidades de orientação e apoio nos entendimentos quanto as suas necessidades:

(...) pais de crianças e jovens com altas habilidades /superdotação podem se sentir isolados e sem apoio. Por isso, é imprescindível manter abertos os canais de comunicação entre família e escola. Atento a esta questão, a Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação propôs para os Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação, além de unidades de atendimento ao professor e ao aluno, uma unidade de apoio à família visando prestar informação, orientação e suporte à família do aluno com potencial elevado. (FLEITH, 2007, p. 9)

Conforme orientação do MEC, por meio do livro Encorajando Potenciais 2007, os NAAH/S são organizados para atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos, oportunizando assim o aprendizado específico e estimulando suas potencialidades criativas e seu senso crítico, com espaço para apoio pedagógico aos professores e orientação às famílias de alunos com altas habilidades/superdotação.

Intervenção do NAAH/S

Após estudo de caso do estudante J.L. o NAAH/S orientou a família e a escola no que compete o AEE do estudante em questão ressaltado a importância de desenvolver suas áreas fortes por meio da intervenção em sala regular. Sobre essa forma de atendimento, temos que:

Classe regular comum: esse atendimento exige atividades de apoio paralelo ou combinado, para garantir que o aluno mantenha o interesse e a motivação, podendo o professor receber orientação técnico-pedagógica de docentes especializados, no que se refere à adoção de métodos e processos didáticos especiais. Um aluno curioso, que tenha a capacidade de apreensão rápida dos conteúdos e grande velocidade no pensamento, pode ficar entediado com a rotina da escola. Alunos superdotados quase sempre se sentem menos confortáveis do que os outros em um ambiente com estruturas rígidas de ensino, no qual seu envolvimento é muito limitado e geralmente predeterminado, como acontece em uma sala de aula regular. Clark (1992, p. 68) tem uma posição definitiva a respeito do atendimento em classe comum, quando afirma que: “A classe regular comum, como é tradicionalmente organizada, se presta mais a um grupo de instrução com um cenário curricular”. Aqui podemos observar a retomada da ideia de contextos de aprendizagem enriquecidos, apresentada anteriormente, uma vez que o projeto pedagógico geral deve ser planejado tendo em vista um cenário curricular flexível, que permite alterações. (FLEITH, 2007, p. 77).

Mediante os estudos realizados e a partir dos atendimentos ao estudante J.L., trançamos então, o Plano de Desenvolvimento Individual – PDI. Tal plano contribuiu para a elaboração de atividades de seu interesse, as quais culminaram em projetos interdisciplinares que envolveram professores, coordenação, colegas de classe e família. Por meio do empenho de todos os envolvidos neste processo e do envolvimento do estudante, suas habilidades foram desenvolvidas, bem como a sua motivação em realizar atividades escolares rotineiras, o que ocasionou um impacto positivo em sua autoestima, seu autoconceito e a promoção da sua criatividade.

Uma vez que o NAAH/S não possui psicólogo, e J.L. apresentou algumas inabilidades sociais, orientamos a mãe a fazer acompanhamento com profissional habilitado com o objetivo de investigar suas necessidades afetivas, emocionais e sociais a fim de garantir seu pleno desenvolvimento em todas as áreas de desenvolvimento humano. A respeito da atuação do psicólogo escolar o MEC sugere:

Um dos modelos eficientes de atendimento ou acompanhamento psicológico à família e ao aluno é o que busca uma parceria família-escola. Essa parceria é a melhor alternativa para concentrar os recursos dos dois principais contextos de desenvolvimento do aluno (Dettmann & Colangelo, 2004). Os pais têm a oportunidade de participar ativamente no atendimento às necessidades educacionais do filho e os profissionais do contexto escolar podem oferecer informações e orientações específicas aos pais. O papel da escola e da família poderá ser definido em conjunto e o planejamento educacional do aluno poderá ser desenvolvido a partir dessa parceria. No Brasil, o psicólogo escolar ainda encontra-se em processo de delineamento de suas ações (Guzzo, 2001). O atendimento educacional ao aluno com altas habilidades/superdotação expressa com clareza a necessidade de atuação deste profissional, desde o processo de encaminhamento do aluno aos programas especiais, passando pela avaliação psicodiagnóstica e pelo atendimento às necessidades psicológicas do aluno, bem como prestando apoio à família e à comunidade escolar sobre como lidar com as necessidades de aprendizagem dos alunos com altas habilidades (Aspesi, 2003). (FLEITH, 2007, p. 44).

Segue a descrição de uma das atividades extracurriculares realizada por J.L e seus benefícios de acordo com sua mãe:

De onde surgiu o interesse por vulcões...

No livro de ciências tem uma atividade que pede para colocar uma pedra de gelo no óleo, esperar o gelo derreter e descrever a experiência. Ao fazer a experiência, J.L. explicava que a água não se misturaria com o óleo, pois água é polar e o óleo é apolar, e que substâncias polares somente se misturam com substâncias polares, perguntei mais sobre o assunto e então ele disse que poderíamos fazer um vulcão se colocássemos um comprimido de bicarbonato na água...

Então dei a ele uma vitamina C efervescente e ele se alegrou demais ao ver o efeito e pediu pra levar e mostrar para os colegas e a professora.

Providenciei os materiais e pedi que dessem oportunidade para ele demonstrar a descoberta. Ele voltou pra casa radiante. Muito feliz por ter feito o experimento em sala de aula. A partir daí passou a se interessar por vulcões.

Então voltamos ao atendimento no NAAH/S-GO, onde a Professora do Núcleo nos forneceu várias literaturas que orientava a elaboração de projetos. Foi então que começamos de forma mais estruturada as pesquisas. O que não é fácil, pois perde interesse muito rápido pelos assuntos, e tive que direcioná-lo várias vezes para não perdermos o foco.

Através das orientações foi mais fácil conduzir o trabalho com formulação de perguntas direcionadas ao tema, o que me surpreendeu, pois ele já tinha várias respostas, e muitas das respostas o levaram a fazer mais perguntas. Agregamos vários eixos do conhecimento ao projeto, como geografia, história, química física e arte.

Elaboramos algumas perguntas: O que é um vulcão? Onde eles ocorrem? Como são formados? No Brasil tem vulcões?

Pesquisamos sobre a estrutura da terra, ele fez um desenho e pintou com tinta, demonstrando as camadas da terra, os movimentos das placas tectônicas onde ele utilizava as mãos para demonstrar os tipos de movimentos e efeitos sobre a estrutura da terra, após ele fez outro desenho onde continha as partes de um vulcão ativo, estudamos também onde ocorrem os vulcões, com maior frequência e o porquê, fez um resumo escrito em letra cursiva (estamos desenvolvendo essa habilidade, pois ainda tem muitas dificuldades em registrar), sobre os principais pontos.

Percebi o quanto se diverte ao aprofundar nos estudos, e o quanto tem raciocínio científico, pois entende com facilidade e consegue explicar com palavras simples o que apreendeu.

Construímos um vulcão com papel de seda e gesso, pintamos com tinta guache e derramamos tinta vermelha e amarela para simular as lavas escorrendo. Ele vibrava de alegria em cada fase, a erupção vulcânica seria representada pela reação química entre bicarbonato de sódio e vinagre.

Esse projeto foi feito em três dias, terça a quinta, e apresentado com muita riqueza de detalhes, em sala de aula na sexta feira para a professora, os colegas e em seguida, para a coordenação.

Pontos positivos:

- Enriqueceu nosso vínculo, pois tivemos tempo juntos estruturando o projeto.
- Aumentou a motivação em participar das aulas na escola, pois só poderia demonstrar aos colegas se participasse de todas as atividades propostas na escola.
- Melhorou o relacionamento interpessoal, com os colegas, depois desse evento começou interagir mais com os colegas.
- Aumentou a autoestima.

Pontos negativos e dificuldades:

- Direcionar os temas e prender a atenção.
- Acompanhar o raciocínio, pois ele faz muitas conexões com os temas abordados, que muitas vezes tínhamos que parar para ele mostrar onde tinha obtido as informações para que eu pudesse acompanhar o que algumas vezes o irritava.
- Minhas limitações de tempo para conciliar o trabalho, casa e estudos dos filhos.

Obs. Importante à parceria do NAAH/S, que por telefone e e-mail tem contribuído bastante com o enriquecimento escolar de J.L, uma vez que moramos em Anápolis e o Núcleo funciona em Goiânia, e por motivo de trabalho fica difícil a ida ao Núcleo, mas mesmo assim não deixa de acompanhar o progresso dele no ambiente escolar e familiar.

Resultados diante a intervenção do NAAH/S:

De acordo com a mãe: “Tenho muito a agradecer, pois o NAAH/S pode dar um novo rumo a educação do J.L. O interesse dele é outro e está aprendendo a lidar melhor com as frustrações, pois antes não o estimulava”.

Na visão da escola: “Após intervenção do NAAH/S pudemos compreender melhor as características e necessidades de J. L. e, buscando alternativas de atendimento pedagógico diferenciado que atenda seus interesses e potencialidades visando garantir não somente

aprendizagem efetiva, como também, relação harmoniosa entre professores e colegas no ambiente escolar”.

Visão do NAAH/S: Sabemos das dificuldades enfrentadas tanto pela família, quanto pela escola para que J.L. apresente desempenho satisfatório, uma vez que vários fatores interferem no processo. Por meio da criação de ambientes de aprendizagem diversificados, da valorização dos interesses de J.L. e do trabalho a ser desenvolvido para que suas necessidades sejam contempladas, espera-se que sua integração e satisfação pessoal seja brevemente alcançada.

CONCLUSÃO

A legislação brasileira que trata da educação inclusiva reconhece os estudantes alto habilitados, como especiais e propõe o AEE primando pelo respeito às suas diferenças individuais, o desenvolvimento das potencialidades e habilidades gerais, bem como, o enriquecimento curricular, a aceleração e/ou desenvolvimento de talentos. Considera que a família e a escola têm o dever de acompanhar e promover a educação inclusiva, propiciando condições ambientais e escolares adequadas ao atendimento das necessidades educacionais específicas dos estudantes com indícios de AH/S.

As considerações deliberadas foram vinculadas na relação entre teoria e prática e aplicação dos conhecimentos e dos princípios teóricos nas abordagens feitas com a família, com o estudante e com a escola. Desta forma, os encaminhamentos e acompanhamento sugeridos pela Equipe do NAAH/S - GO ao estudante J.L., partiram inicialmente da premissa de que ele apresenta características de superdotação. Desse modo, a equipe em questão sugeriu que a prática pedagógica realizada na sala regular deveria propiciar um ambiente estimulador e atender as suas NEEs, intelectuais, acadêmicas, artísticas e psicomotora.

Todo o processo de atendimento e acompanhamento de J.L. consistiu em oportunizar o acesso a uma educação que supra suas NEEs, já que a equipe que o atendeu considerou, por meio das evidências que ele apresentou, que o mesmo demonstrou maiores potencialidades e habilidades gerais de conhecimento do que as demais crianças da sua idade.

Vale ressaltar que é necessário aos educadores estar atentos e preparados para reconhecer o perfil do estudante com indícios de altas habilidades e, desta forma contribuir para a realização de novos desafios pautados nos princípios da educação inclusiva, no que concerne ao AEE dos estudantes com indícios de AH/S. Vale ressaltar que a oferta de possibilidades de inovações, de enriquecimento de suas potencialidades e talentos, bem como o respeito as suas diferenças individuais, devem ser sempre priorizadas.

Ademais, almeja-se que a continuidade dos levantamentos de dados e acompanhamento do desenvolvimento do estudante J.L. possa contribuir para a efetivação de novas propostas pedagógicas de AEE pelas escolas; e que estas contemplem o atendimento das NE-Es de muitos outros estudantes com indícios de AH/S os quais encontram-se ainda invisíveis nos corredores e salas de aulas das escolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Saberes e Práticas da Inclusão**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Brasília – DF – 2006.

FLEITH, Denise de Souza e Colaboradores. **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação. Vol.1. Orientação a Professores**. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial, Brasília – DF, 2007.

FLEITH, Denise de Souza e Colaboradores. **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação. Vol.2. Atividades de Estimulação de Alunos**. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial, Brasília – DF, 2007.

FLEITH, Denise de Souza e Colaboradores. **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação. Vol.3. O Aluno e a Família**. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial, Brasília – DF, 2007.

GUENTHER, Z. C. **Capacidade e talento: um programa para a escola**. São Paulo – SP, ed. EPU, 2007.

ROPOLI, Edilene Aparecida, MANTOAN, Maria Teresa Eglér; SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira e MACHADO, Rosângela. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar – A Escola Comum Inclusiva**. Coleção “A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar”. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Universidade Federal do Ceará, 2010.

VALLE, Bertha de Borja Reis e COSTA, Marly de Abreu. **Políticas públicas em educação. v.1**, Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.

VIRGOLIM, Ângela M. F.(org.) **Altas Habilidades/Superdotação – Encorajando Potenciais**. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial, Brasília – DF, 2007.